

ORALIDADE EM UM LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: ARMADILHAS DE UM (DES)PRESTÍGIO¹

Quitéria Pereira ASSIS²
Maria Aparecida DÃO³
Ednaldo Farias GOMES⁴

Resumo:

O presente artigo procurará analisar como a linguagem oral é trabalhada no livro didático de língua portuguesa “Conhecer e Crescer, 5º ano” (BURANELLO, 2008) a partir de propostas de atividades com a linguagem oral inseridas no respectivo material. Realizaremos a análise de duas atividades. Como embasamento teórico utilizaremos autores como Bakhtin (2004), Geraldi (2006), Marcuschi (1997), Soares (2003), entre outros, além de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 2001) e o Guia do Livro Didático (2009). Concluimos, através da análise, que o livro didático em questão aponta minimamente para uma valorização da linguagem oral e que a presença de uma seção intitulada “Linguagem oral” visa atender os requisitos de inserção do material no Programa Nacional do Livro Didático. Concluimos ainda não haver um indicativo de imersão nos gêneros sugeridos.

Palavras-chave: Oralidade; Livro Didático; Linguagem.

Introdução

Este artigo tem por finalidade analisar como o trabalho com a oralidade é apresentado no livro didático de língua portuguesa “Conhecer e Crescer, do 5º ano (BURANELLO, 2008). A opção em analisar as propostas de produção oral no

¹ O presente artigo foi publicado anteriormente nos Anais do V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, realizado em São Cristóvão, Sergipe, no ano de 2011.

² Pedagoga. Mestra em Linguística e Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Mestra em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da mesma universidade. Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Cesmac. Email: quiteria_assis@hotmail.com

³ Graduada em Pedagogia e professora dos anos iniciais. Email: cida0730@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Literatura Brasileira pelo pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Educação a Distância pelo Serviço Nacional do Comércio de Alagoas (SENAC/ALAGOAS). Professor do Instituto Federal de Educação Tecnológica de Alagoas, Campus Marechal Deodoro. Email: ednaldof.gomes@hotmail.com

referido livro didático se deu em decorrência do respectivo livro ter sido adotado em um grande número de escolas públicas no estado de Alagoas no ano letivo de 2011.

Ao buscar investigar a proposta didática do livro didático de português “Conhecer e Crescer”⁵ (BURANELLO, 2008) para o trabalho com a linguagem oral nos apoiaremos nos estudos de Soares (2003), Marcuschi (1997), Geraldi (2006), Silva (2008), além de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais⁶ (1997; 2001) e o Guia do Livro Didático (2009), dentre outros.

Tomaremos como análise duas propostas de atividades inseridas às páginas 42 e 82, na seção “Linguagem oral” do LDPCC (BURANELLO, 2008).

A observação que aqui se realiza foi feita a partir da necessidade de saber como os livros didáticos trabalham esse eixo da língua, contemplado pelos PCNs (1997; 2001), contudo, nossa hipótese é que esse eixo é, ainda, pouco refletido e, por conseguinte, silenciado nas escolas. Entendemos que o trabalho com a oralidade deveria ter igual prestígio junto aos materiais didáticos e aos docentes da língua portuguesa, uma vez que é uma forma legítima de utilizar língua, o que justifica a importância deste trabalho.

A aquisição da linguagem e da língua materna

Nesta seção discutiremos a respeito de alguns conceitos que precedem a discussão sobre o trabalho com a linguagem oral. Inicialmente procuraremos conceituar o que é linguagem, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, e língua, segundo Saussure (2006).

A linguagem, de acordo com os PCNs (1997), é compreendida como uma forma de ação interpessoal orientada com, e para determinada finalidade que ocorre nas práticas sociais existentes nos diversos grupos de uma sociedade, em um contexto histórico particular. Desse modo, o ser humano é o único capaz de comunicar-se verbalmente, possuindo um complexo sistema de representação de seu pensamento, que se exterioriza fonicamente e graficamente a partir da fala e da

⁵ Doravante LDPCC.

⁶ Doravante PCNs.

escrita. Bakhtin (2004) diria que “somos animais verbais”, capazes, portanto, de traduzir por meio de palavras o que pensamos e desejamos. Dito de outro modo, somos capazes de fazer abstração das coisas concretas por meio da linguagem, mesmo se considerarmos que essa tradução não se realiza de forma direta, sem ambiguidades ou desvios entre quem fala e seu interlocutor.

Entende-se por língua, conforme Saussure (2006), como o conjunto de signos que se articulam sintagmaticamente e paradigmaticamente para formar um sistema complexo de combinações e oposições. A língua, segundo o estudioso genebrino, é definida como o código verbal através do qual os seres humanos podem se comunicar, enquanto a fala seria uma manifestação individual dessa mesma língua ou código. Nesse sentido, a combinação de signos produz palavras e textos com sentido específico para cada contexto, podendo sua produção ocorrer a partir da oralidade e da escrita. Assim, na hora de produzir e reproduzir o que se deseja transmitir, a criança, por exemplo, terá uma maneira singular de externar o conhecimento que tem sobre a língua, adquirido no convívio com outros sujeitos que falam sua língua. Nesse entendimento, a fala é pessoal na medida em que varia conforme a idade, o sexo, a condição econômica, o nível de escolaridade, a localização geográfica, etc.

Sendo a linguagem um fenômeno eminentemente social, sua concretude é realizada no dizer e, desse modo, a interlocução é o lugar distinto da linguagem, constituindo sentidos e sujeitos e, fazendo-se mister a comunicação oral ou escrita para que ela se concretize.

Nesse sentido, para que duas ou mais pessoas se entendam é necessário que compartilhem, mesmo que parcialmente, seus conhecimentos, interagindo entre si para a construção dos sentidos. A interação possibilita determinar as escolhas relacionadas à seleção de recursos linguísticos durante a interlocução. Consideramos, pois, que o espaço da sala de aula deve servir para se trabalhar com a língua portuguesa considerando a interlocução, inclusive quando se trata dos gêneros orais.

Marcuschi (1997) ressalta que há na nossa sociedade um privilégio da cultura escrita. Para esse autor, tal modalidade goza de certo *status* em relação a comunicação oral. Entretanto, destaca também que antes do surgimento da escrita todo o saber era passado de forma oral. O privilégio da escrita sobre outras formas de comunicação se dá na medida em que avança o mundo moderno e virtual, sem que isso implique dizer que não coexistam várias formas de linguagem de maneira concomitante. Segundo Marcuschi (1997).

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa a sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma condição, mas de uma postura. (MARCUSCHI, 1997, p.39)

O autor aponta, assim, para um novo trato em como deve ser encarada a oralidade no trabalho com a língua materna nas instituições de ensino.

Ao entrar para a vida escolar, a criança já chega falando sua própria língua materna ou outra que tenha tido contato antes da alfabetização, exceto aquelas que sofrem de alguma patologia relacionada à linguagem. Cabe as escolas usarem estratégias de interação dando condições aos estudantes para um bom desenvolvimento oral, não apenas ensinar a falar a norma padrão, mas mostrar que a comunicação oral tem valor que lhe será importante para a vida além da sala de aula. A internalização da língua, realizada de modo natural e na interação com o outro não deve ser desvalorizada. Ao contrário, deveria servir como um elemento a mais na construção dos conceitos de língua, linguagem e na apreensão das estruturas da língua. Segundo Soares (1999)

Não basta, [...] que atividades de linguagem oral sejam consideradas apenas como oportunidades de interação oral com o professor e os colegas; elas precisam ser planejadas para o desenvolvimento de habilidades de produção e recepção de textos orais frequentemente em situações mais formais, que exigem preparação e estruturação adequada da fala, textos de diferentes gêneros. (SOARES, 1999, p. 22)

Cabe ao professor, portanto, orientar para uma formação de leitores e oradores competentes, que saibam utilizar a língua nas mais variadas situações e

com objetivos específicos. Nesse sentido, as ações e o ensino da língua materna devem ter um horizonte, um fim, que é o uso competente da língua, permitindo o domínio de outras formas de linguagens e expressão, além da modalidade escrita da língua.

Oralidade nas aulas de língua portuguesa

A comunicação oral é a primeira, além da tátil, que a criança tem a sua disposição. O ensino formal é capaz de deixar a criança inibida, inclusive por colocá-la de encontro a novas situações como novos relacionamentos e novas aprendizagens. Ao participar de um grupo, a primeira tarefa será a da aceitação, que se relaciona por sua vez com o reconhecimento do grupo.

Nos anos iniciais e nos anos subsequentes do ensino fundamental o trabalho com gêneros orais deveria ser desenvolvido de maneira a ser, de fato, um instrumento de socialização, de aprendizado e que sirva para desenvolver as habilidades dos educandos relacionadas à modalidade oral da língua. Para Silva (2008).

Falar, ou mesmo apenas ler, para a turma, entre os nossos alunos, independente da idade ou da série em que estejam geralmente é uma atividade tímida. São poucos os que vão à frente da sala e lêem sem nenhum constrangimento ou nervosismo (SILVA, 2008, p.135).

Assim, não é tarefa fácil fazer que os educandos participem de atividades nas quais tenham que se expressar oralmente. Considerando-se que a comunicação oral é um dos aspectos fundamentais para o cidadão usufruir dos benefícios de viver em sociedade e que o domínio da língua é demonstrado também pela competência comunicativa do indivíduo, não se tratando de conhecer profundamente as regras gramaticais mas dizer o que é certo na hora certa, Silva (2008) afirma que

Devemos deixar claro para os alunos que essa atividade é muito importante para todos, [...] Um dia vamos ter que falar em público, qualquer que seja este público. Trata-se aqui de uma habilidade que nos aprimora para o mercado de trabalho e para a vida social em geral. (SILVA, 2008, p.135)

Entendemos que cabe ao professor pensar estratégias para que o estudante se relacione com os gêneros orais levando em consideração seus aspectos formais e estruturais, bem como suas situações reais de utilização. Desse modo, o professor possibilita que as especificidades dos gêneros orais sejam reconhecidas e internalizadas pelos estudantes. Podemos exemplificar essas especificidades com as distinções entre ler e recitar. Esses verbos indicam ações semelhantes, contudo, distintas. Ambas exigem a leitura e/ou conhecimento de um texto oral ou escrito. Um poema pode ser lido, sem emoção, friamente. Recitar, no entanto, sugere que se incorpore o texto literário, que se use seus recursos fônicos ao máximo, sua carga dramática e sua sonoridade.

Os trabalhos de apresentação em sala de aula precisariam seguir, então, uma metodologia que priorize a orientação para o educando que ainda não domina esse tipo de atividade. É, pois, o professor que orientará a respeito da postura, da entonação da voz, entre outros aspectos. Silva (2008) destaca que uma apresentação feita apenas com a leitura do que foi pesquisado, torna-se maçante para os interlocutores.

Sabemos que além da competência oral, durante uma situação de interação comunicativa concreta, os gestos, olhares e a expressão corporal são partes importantes no processo de recepção e compreensão da mensagem transmitida por parte do interlocutor, sendo a linguagem corporal fundamental para conquistar aqueles que formam a plateia.

O professor deve reservar um espaço no qual o estudante possa se expressar oralmente seja a partir de debates, seminários, ou ainda da livre expressão. Silva (2008, p. 136) sugere que “No início do período, de posse do horário das aulas, é possível agendar uma data para cada um, dois ou mais alunos, dependendo do tamanho da turma e do número de aulas”. O autor ainda afirma, ao tratar do nervosismo presente nas situações de apresentações orais em sala de aula pelo estudante, que:

É muito importante que ele entenda que o nervosismo trazido pela situação é normal, também é importante que o professor cite alguns exemplos de

experiências suas como se sentia diante dessas atividades, assim, o aluno passa a se sentir mais próximo. (SILVA, 2008, p.137)

Trabalhar a diversidade dos textos orais é, considerado por nós, como um aspecto imprescindível em busca da proficiência da linguagem oral. Jornais falados, seminários, peças de teatro e entrevistas são excelentes exemplos de textos que podem ser explorados tanto na sua forma escrita quanto na sua modalidade oral. Inicialmente, o professor pode escolher vários textos e dispor aos estudantes para que possam ler e escolher à vontade aquele que mais lhe agrada para apresentar à turma. Ressaltamos que, para esse tipo de atividade em especial, o objetivo não é o de desenvolver nos estudantes habilidades argumentativas, mas que eles sejam colocados diante de uma plateia, mesmo seus colegas, para que os aspectos emocionais, comumente presentes em atividades desse tipo, sejam trabalhados.

As propostas e as análises

Em busca de contextualizar minimamente as atividades aqui analisadas, nesta seção apresentaremos a descrição do LDPCC (2008) que é composto por nove unidades. Tais unidades são formadas pelas seções “Lá vem leitura”, “Outra leitura”, “Escrever muito prazer”, “Linguagem oral”, “Mais uma leitura”, “Estudo da língua” e “A escrita das palavras”.

O LDPCC (2008) oferece seis propostas de atividades inseridas na seção intitulada “Linguagem oral”, que sugerem o trabalho com os seguintes gêneros: jornal falado, seminário, peça de teatro, discussão, conversa e entrevista. Vejamos a seguir uma tabela na qual apresentamos o que a referida seção apresenta como propostas de atividades com a modalidade oral da língua.

Tabela 1: Unidade, proposta, consigna, pagina, gênero, observação

UNIDADE	Nº	CONSIGNA	PÁG	GÊNERO	OBSERVAÇÃO
2-Mundo Animal	1	<i>Que tal você e seus colegas simularem um Jornal Falado para apresentar à turma e ao professor as notícias produzidas nesta unidade? Para isso é preciso adequar</i>	42	Jornal falado	A proposta dessa seção consiste em os estudantes exporem oralmente as notícias da seção anterior.

		<i>a notícia escrita a notícia falada.</i>			
3 – SOS Matas e Florestas	2	<i>Você e seus colegas elaborarão artigos informativos sobre os mais variados temas. O que acham de realizar um seminário para apresentá-lo?</i>	66	Seminário	Os estudantes deverão apresentar em forma de seminário um artigo informativo. (os temas para o seminário ficarão a critério dos estudantes).
4-História de muitos jeitos	3	<i>Agora que tal juntar-se a alguns colegas e encenarem uma peça de teatro? Vocês podem encenar a história. “O chapeuzinho Vermelho” ou outra que preferirem.</i>	82	Peça de teatro	Nessa seção, os estudantes encenarão uma peça de teatro.
6 – Pela paz e pelo bem	4	<i>Você já parou para pensar que podemos construir a paz em nosso dia a dia? Vamos refletir sobre isso, discutindo que atitudes podemos tomar.</i>	134	Discussão	Os estudantes deverão discutir sobre as melhores atitudes a serem tomadas para que a paz seja cultivada e mantida em casa, na escola e na rua.
7 – Não ao trabalho infantil	5	<i>Converse com os colegas e professor e, juntos escolham uma questão polêmica para ser tema de um debate.</i>	153	Conversa	A proposta nessa seção é realização de uma conversa que pressupõe uma argumentação para escolher um tema para um debate.
9 – Tempo de mudanças	6	<i>Nesta unidade, você conheceu Mariana, uma menina que começou a fazer novas descobertas e a sentir outras emoções. Para entender um pouco mais essas mudanças, que tal você se juntar a um colega e entrevistar um adulto.</i>	200	Entrevista	Os estudantes farão uma entrevista com um adulto sobre o período de sua vida em que começou fazer novas descobertas e a sentir outras emoções.

Na primeira proposta os estudantes deveriam apresentar um jornal falado para o professor e seus colegas de sala. Na segunda proposta há a sugestão que sua realização também deveria ser na sala de aula tendo como interlocutores os colegas. Na terceira proposta o LDP sugere que seja apresentada uma peça de teatro para todos que fazem parte da escola e também para os familiares dos estudantes. Na quarta e na quinta propostas respectivamente o LDP orienta que sejam realizadas uma discussão e uma conversa na sala de aula. Na sexta proposta os estudantes deveriam fazer uma entrevista com um adulto e apresentá-la na sala de aula.

As propostas sugeridas possibilitam uma interação entre o estudante, os colegas de classe e o professor uma vez que o LDPCC (2008) apresenta espaço para que possam expor opiniões e trocar ideias. Contudo, consideramos que não apresenta possibilidades de proficiência por apresentar apenas uma proposta para cada gênero. Destacamos que o fato de um estudante apresentar um seminário apenas uma vez não lhe confere competência para apresentação desse gênero textual oral. Nesse caso, o professor deveria sugerir que outros seminários sejam apresentados, em uma tentativa de imersão no gênero oral proposto para produção.

De acordo com Assis (2009) por imersão entenda-se um mergulho no gênero textual proposto para produção estabelecido por meio de diversas leituras e da efetivação de propostas desse gênero pelo professor, pelo aluno, e pelos colegas.

A seguir apresentaremos as duas propostas⁷ que, tomaremos para análise, inseridas no LDPCC (2008).

Proposta 1

O objetivo da proposta inserida na página 42 do LDPCC (2008) é que os estudantes expressem notícias que foram sugeridas nessa unidade de forma escrita, apresentando um jornal falado, adequando a notícia escrita a notícia falada.

O LDPCC (2008) indica quem deverão ser os interlocutores da proposta, os colegas. Entretanto reduz o espaço de circulação, restringindo-o à sala de aula. Ressaltamos que essa restrição não é característica dessa proposta. Podemos constatar essa reserva na maioria das propostas de atividades do livro. Lembremos que a interlocução é o lugar distinto da linguagem, lugar que possibilita constituir sentidos e sujeitos e entendemos que a diversificação de interlocutores autoriza essa constituição.

⁷ A numeração das propostas segue a ordem em que são apresentadas no LDPCC (2008).

Figura 1

LINGUAGEM ORAL

Apresentar notícia falada


As notícias podem ser transmitidas por escrito (quando são divulgadas em revistas e jornais impressos, internet etc.) ou oralmente (quando são transmitidas pelo rádio ou pela televisão).

Agora, **que** tal você e seus colegas simularem um **jornal falado** para apresentar à turma e ao professor as notícias produzidas nesta unidade? Para isso, é preciso adequar a notícia escrita à notícia falada.

Para ajudar vocês nessa tarefa, vejam as características que uma notícia falada geralmente apresenta.

- Assim como uma notícia escrita, a oral também responde às perguntas: O quê?; Quem?; Quando?; Onde?; Como? e Por quê?
- Economiza nos detalhes; aborda somente o essencial.
- Geralmente, apresenta frases curtas.
- A linguagem é formal, porém, simples e clara.
- Não possui título.
- Costuma ter um texto escrito para servir de apoio ao apresentador.

Com base nessas características, reescrevam as notícias, adequando-as ao jornal falado.



42

62

Proposta 1 – Fonte: LDPCC

Outro aspecto a considerar é a ausência de indicação para o portador. A proposta não deixa claro se o jornal falado deverá ser apresentado no rádio ou na televisão. Embora haja a indicação do gênero, jornal falado, a linguagem utilizada na televisão difere da apresentada no rádio. Para nós a orientação que “*A linguagem é formal, porém simples e clara*” oferecida pelo livro, não é condição suficiente para a apresentação do jornal falado, quiçá para o texto que servirá de suporte para apresentação das notícias. Além disso, a forma de apresentação é diferente. No rádio o locutor está diante de um microfone. Na televisão há a presença do microfone, não obstante a existência de câmeras coloca o âncora de um telejornal

diante de milhões de telespectadores. Lembremos que um jornal falado tem sempre como base um texto escrito, contudo o portador define qual deverá ser a maneira de realizar a leitura desse texto. A indicação do portador, para nós, aproximaria a atividade de uma produção de texto oral entendida como prática de linguagem em situação real de uso.

Por fim, destacamos que efetivamente não há a indicação para a produção de um texto oral, apesar da proposta estar na seção “Linguagem oral” o que o livro propõe é a adequação de um texto escrito, a notícia, em outro texto escrito, texto base para o jornal falado, o que silencia a prática da linguagem oral caso a atividade seja efetivada seguindo as orientações do LDPCC (2008).

Proposta 2

O objetivo da proposta de produção de texto oral inserida na página 82 do LDPCC (2008) é a encenação de uma peça de teatro, tomando como base uma história anteriormente lida. Para isso os alunos tomariam como referência uma leitura, realizada anteriormente na mesma unidade, de uma peça teatral. No LDPCC (2008) a proposta é apresentada da seguinte maneira:

Na Proposta 2, o LDPCC (2008) indica quem deverão ser os interlocutores, ampliando o sugerido nas demais nas quais as indicações de interlocutores ficavam concentradas nos colegas de classe e na figura da professora. A sugestão aqui é que os interlocutores podem, a critério dos alunos, ser os familiares, amigos ou ainda alunos de outras turmas e os funcionários da escola (Ver figura 2).

Destacamos, nas orientações oferecidas pelo livro para a efetivação da atividade, a ausência de indicações sobre o que fazer com as “falas” do narrador. Se, em um texto narrativo em 3ª pessoa, esse elemento é fundamental, como no caso do conto “Chapeuzinho Vermelho”, no texto teatral, em sua maioria, ele é “substituído” pelas entradas e saídas dos personagens em cena, pelos gestos, pelo lugar onde os personagens se posicionam, pela entonação na voz dos personagens, (indicando raiva, alegria surpresa...), etc.

Figura 2

LINGUAGEM ORAL


Encenar peça de teatro

Nesta unidade, você leu um texto teatral. Agora, que tal juntar-se a alguns colegas e encenarem uma peça de teatro? Vocês podem encenar a história “O Chapeuzinho Vermelho” ou outra que preferirem.

Vejam algumas orientações para a realização dessa atividade.

- Formem grupos. Cada grupo deverá ter o número de integrantes correspondente ao número de personagens da peça escolhida.
- Combinem quem será cada um dos personagens.
- Cada pessoa deverá decorar as falas de seu personagem.
- Definam como será o palco, o cenário e o figurino. Lembrem-se de que o figurino tem de estar de acordo com a época em que se passa a história. Além disso, não se deve, por exemplo, representar um médico, atendendo em um hospital, usando bermuda e chinelos.
- Para criar o clima da história, vocês podem utilizar um fundo musical adequado à peça.
- Antes da apresentação, é preciso haver ensaios.
- Durante o espetáculo, utilizem gestos, expressões faciais e tons de voz que ajudem a demonstrar os sentimentos dos personagens. Dessa forma, vocês podem comover, provocar riso e outras sensações na plateia.

SUGESTÃO: Vocês podem convidar seus familiares, seus amigos, os alunos de outras turmas e os funcionários da escola para assistir à encenação.



82

O livro sugere que os estudantes podem escolher a história que querem encenar. Isso possibilita que haja uma discussão entre os componentes do grupo em torno de qual história será encenada, Desse modo, os estudantes colocarão suas

opiniões, seus argumentos em torno da história que cada um gostaria que fosse encenada, em uma perspectiva de trabalho com a linguagem oral em real situação de uso. Entretanto, esse viés somente poderá ser valorizado se o professor estiver atento a esse aspecto, uma vez que não há nenhuma orientação a esse respeito nem no livro do estudante nem no exemplar destinado ao professor.

Por fim, atentamos para o objetivo da proposta. Caso seja o de fazer que os estudantes utilizem a encenação para “atuarem” diante de um público, fazendo-os enfrentar o nervosismo exigido pela situação, consideramos a proposta válida, mesmo fazendo a ressalva que apenas uma apresentação não possibilitaria que os aspectos emocionais “negativos” fossem afastados definitivamente.

Caso o objetivo seja o de transformar uma narrativa (conto), no gênero peça teatral, o professor deverá fazer algumas alterações na proposta considerando os aspectos estruturais de um e de outro gênero. Aqui ressaltamos novamente a “ausência” do narrador no gênero peça teatral e “presente” nas narrativas.

Finalmente destacamos a generalização dada às narrativas, embora não seja objetivo deste trabalho as propostas de leitura ou de produção escrita. O LDPCC utiliza o vocábulo “histórias” para se referir ao conto “Chapeuzinho Vermelho”. Lembremos que toda narrativa é uma história. Entretanto o texto narrativo comporta vários gêneros textuais (contos, novelas, romances, fábulas, etc.) que possuem características próprias. Assim, O LDPCC (2008) deveria especificar a “história”, no mínimo para possibilitar uma reflexão que há distinções entre os diversos textos narrativos.

Considerações finais

Sabemos que a linguagem oral faz parte de nosso cotidiano e quando trazemos isso para a realidade escolar esse eixo de ensino da língua portuguesa deveria ter um tratamento específico, que considerando as características dos diversos gêneros dessa modalidade da língua.

O livro didático em questão, Conhecer e Crescer, 5º ano (BURANELLO, 2008) aponta minimamente para uma valorização da linguagem oral ao propor nas unidades 2,3,4,6,7,9 atividades que possibilitam o trabalho com gêneros orais. Consideramos que ainda há muito a fazer para que esse eixo da língua portuguesa, com as propostas apresentadas, possibilite a proficiência da linguagem oral em nossos estudantes.

O que nos parece é que a presença de uma seção intitulada “Linguagem oral” visa tão somente atender os requisitos de inserção desse material didático no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Não há um indicativo de imersão nos gêneros sugeridos. Tal fato fica evidente nas propostas analisadas e é ressaltado na segunda quando o LDPC (2008) recomenda que com uma única leitura de uma peça teatral os estudantes transformem uma história em um texto daquele gênero e, sem referência de encenação, o encenem, embora haja a recomendação para ensaios.

Sabemos que essa discussão não se encerra aqui. É preciso aprofundar de que forma a oralidade é apresentada livros didáticos orientando as atividades com essa modalidade da língua e, principalmente, se o trabalho com a oralidade nas salas de aula gera possibilidades efetivas de levar o estudante a refletir sobre a língua e a apropriar-se das especificidades de determinado gênero oral ou, se uma seção intitulada “Linguagem oral” presente nos livros didáticos é apenas uma maneira de satisfazer as exigências dos documentos que validam a avaliação desses materiais no país.

Referências

ASSIS, Quitéria Pereira de. **Dissertação de mestrado:** A professora e as propostas de produção de texto em um livro didático de português: mudanças que singularizam a atividade. UFAL – Maceió : 2009.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Guia do livro didático 2009 : PNLD 2010 : **Letramento e**

Alfabetização/Língua Portuguesa – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. SEF. – Brasília: 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF, 2001.

BURANELLO, Cristiane. **Língua Portuguesa**. Coleção Conhecer e Crescer. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira**, ed IBPEX volume 2, Curitiba 2008.

SOARES, Magda. **Uma proposta de letramento**. São Paulo: moderna, 2003.